

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos atra.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e. VII e 14.

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varella

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Mauricio Dinepi

P. Junca etc.

Missão urgente

No Brasil, até fins dos anos 50, o ensino público era dos melhores. O antigo Primário ostentava bom nível, embora as elites discriminassem o velho Grupo Escolar, considerado restrito aos pobres. Já no Ginásio e também no Colégio acontecia o inverso em termos de preferência: as classes abastadas demandavam as vagas gratuitas do tradicional Pedro II (Rio) e dos conceituados Presidente Roosevelt e Álvares Penteado (São Paulo), dentre outros estabelecimentos que em vários pontos do território nacional impunham-se por históricos escolares rigorosos e pela qualificação dos professores.

Com a inauguração de Brasília, cujo plano educacional de 1960 estava à altura da função civilizadora de uma cidade de características revolucionárias em amplo sentido, a escola pública ganhou primazia sobre a particular. A Escola-Classe passou a atrair indistintamente ricos, remediados e pobres que de modo democrático conviviam em suas quatro séries. E no Secundário o mesmo ocorria com os prestigiados Elefante Branco, Caseb etc.

Foram tempos privilegiados que por infelicidade duraram pouco. A medida que avançava a década de 60, o ensino em todo o País enredava-se em gradual e acentuado processo degenerativo ao qual Brasília não ficou imune. Seguidas administrações do Distrito Federal, omissas e irresponsáveis, deixaram à deriva o ensino público, até o li-

miar do caos. A confusão engolfa desde o campo material até o de recursos humanos. Muitas escolas estão convertidas em ruínas e os professores, aviltados, não se vêem motivados para o exercício pleno de suas dignificantes tarefas.

Mas ainda há esperança. O Governo local demonstra ânimo para enfrentar o problema e procura solução. Durante toda esta semana, quer esmiuçar a área educacional, diagnosticar os seus males e de imediato adotar um programa de emergência para saná-los.

A administração brasiliense de agora não vai ter dificuldades para identificar as profundas deficiências do setor educação. Grave e duro é o trabalho de corrigir erros acumulados por anos a fio, de recuperar um sem número de escolas e de valorizar o pessoal docente, bem como inspetores e funcionários em geral.

Será uma ação contra o relógio, desde que o governo Roriz dispõe apenas de um ano e pouco para atacar questões preocupantes em searas de relevância. Porém, se houver vontade férrea e verdadeiro empenho do Poder Público para cumprir seu dever numa esfera prioritária como a educacional, Brasília poderá em breve reassumir legítima posição de liderança no esforço de bem preparar a sua juventude. Para isso, urge o reencontro com a destinação desta cidade concebida para apontar rumos ao País. O encargo é pesado, mas vale a pena.